

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GABRIEL TEIXIERA VILELA SANTOS
PROFESSOR DANIEL MEDINA CORREA

**UM BREVE PANORAMA DAS ESPÉCIES BOTÂNICAS USADAS NAS
ATIVIDADES DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.**

Rio de Janeiro

2019

Um breve panorama das espécies botânicas usadas nas atividades das religiões afro-brasileiras.

A brief overview The botanical species used in the activities of Afro-brazilian religions

Autor: Gabriel Teixeira Vilela Santos, licenciado em ciências biológicas pelas Faculdades São José e Bacharel em ciências biológicas pelo centro universitário São José.

Orientador: Daniel Medina Correa, Doutor em ciências ambientais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

RESUMO:

O trabalho tem como foco a revisão bibliográfica das espécies botânicas usadas nos cultos afro-brasileiros-umbanda e candomblé- tendo como objetivo, a comparação das espécies utilizadas nos terreiros do Rio Grande do Sul, Ilhéus e Itabuna-BH, Ituiutaba-MG e Niterói-RJ, organizando as em um quadro comparativo. Pode-se concluir que, através das revisões, que há uma semelhança na escolha das espécies usadas nos terreiros ao longo do território nacional, sendo que parte da flora descrita é exótica, ratificando a importância dos estudos da etnobotânica exercendo um papel fundamental para o enriquecimento científico e cultural da sociedade.

Palavras-chave: cultos afro-brasileiros; etnobotânica; espécies botânicas.

ABSTRACT:

The work focuses on the bibliographic review of botanical species used by Afron-Brazilian cults- Umbanda and Candomblé- with the objective of comparing the species used in the yard of Rio Grande do Sul, Ilhéus and Itabuna-BH, Ituiutaba-MG and Niterói-RJ, organizing them in a comparative table. It can be concluded that, through the reviews, that there is a similarity in the choice of species used in the yard throughout the national territory, with part of the flora described being exotic, confirming the importance of ethnobotany studies playing a fundamental role for enrichment scientific and cultural aspects of society.

Keywords: afro-brazilian cults; ethnobotany; botanical species.

INTRODUÇÃO:

Nas últimas décadas, a Etnobotânica experimentou um crescimento expressivo encontrando-se especialmente fortalecida em países da América Latina (Hamilton et al. 2003; Fonseca-Kruel et al. 2005). Em parte, isto se deve à atuação do "Grupo Etnobotânico Latino-Americano" (GELA) (Hamilton et al. 2003).

A etnobotânica tem se fortalecido no meio científico brasileiro e isto pode ser verificado, por exemplo, através do crescente número de trabalhos apresentados nos últimos anos nos Congressos Nacionais de Botânica (CNB), envolvendo diferentes tópicos (Fonseca-Kruel et al. 2005).

Nos Anais de CNBs consultados e avaliados no período de 1968 até metade da década de 1980, os trabalhos com alguma interface com a Etnobotânica pareciam não ter um lugar definido e eram alocados em áreas temáticas como: "Botânica Aplicada", "Preservação da Flora - Botânica Econômica", "Botânica Econômica" e "Fitoquímica e Plantas Medicinais e Tóxicas". A maioria tratava de plantas daninhas e plantas invasoras de culturas agrícolas de interesse econômico, de plantas ornamentais e de plantas medicinais. (Oliveira et al, 2009, p. 593)

A problemática abordada, baseia-se na comparação das espécies botânicas usadas nos cultos afro brasileiros ao longo do território nacional e seu valor litúrgico.

A metodologia empregada, é a revisão bibliográfica, tendo o auxílio de representantes das religiões afro-brasileiras por meio de entrevista remota. Demonstrando como ocorreu a origem dos cultos de maior abrangência territorial -Umbanda e Candomblé- através de releituras das bibliografias referentes a essas religiões e de pesquisas já publicadas sobre o tema. As espécies

foram comparadas e organizadas conforme seu nome científico, nome popular e seu uso ritualístico em uma tabela, as quais são usadas durante as sessões nos terreiros localizados no Rio Grande do Sul, Ilhéus e Itabuna- BH, Ituiutaba-MG e Niterói-RJ.

O presente trabalho tem como objetivo, o estudo sobre o uso das espécies botânicas nos terreiros de diferentes regiões brasileiras, durante as sessões de tratamento. Ratificando a relevância dos estudos voltados para o campo da etnobotânica.

UM BREVE HISTÓRICO:

O período das grandes navegações acabou por redirecionar a história da humanidade, servindo como principal via de transporte de mercadorias assim como de pessoas. Foi nas primeiras décadas do século XVI que teve início a vinda dos negros para o Brasil. Dessa forma, até fins do século XIX, o Brasil alimentou por mais de 300 anos com a mão-de-obra escrava os vários ciclos econômicos sendo ela um instrumento indispensável ao progresso da economia colonial e imperial brasileira. (Odé; Vera, 2009, p.33).

Africanos de diversos grupos étnicos e culturais, muitas vezes rivais, foram capturados e trazidos para o Brasil como escravos. Como os bantos, que vieram de regiões atualmente conhecidas, como Angola, Congo, Guiné, Moçambique, Zaire etc. (Os primeiros deste grupo a chegar, por volta de 1559 a 1560, foram trazidos do Congo.) Os fons, provenientes do Benim, antigo Daomé. Do Togo foram trazidos os ewes. Os iorubás, de cidades da atual Nigéria, como Ilexá, Oyó, Ketu, Abeokutá, Ekiti, Ondô, Ijexá, Egbá, Egbado etc. (Odé; Vera, 2009, p.33).

Os negros que foram vendidos como escravos eram capturados diretamente pelos europeus ou comprados em regiões de intenso comércio escravagista, como a do Golfo de Benin, conhecida como costa dos escravos. Em muitos casos, os negros vendidos nessas regiões eram aprisionados por tribos inimigas ou pertenciam a facções rivais dentro de sua própria tribo. Recentes pesquisas históricas mostram que em fins do século XVIII uma rainha do Daomé,

Agontime mulher do rei Agunglo, que foi derrotado por seu rival, foi vendida como escrava, vindo parar em São Luiz do Maranhão. Nessa cidade, no terreiro Casa das Minas, ainda existente, teria difundido o culto aos Deuses (voduns) da família real Daomeana (Vagner, 2005, p.28).

Os contatos entre várias nações africanas e entre estas e os brancos já eram frequentes em períodos anteriores a deportação dos grupos negros para o Brasil, devido as relações de aliança e dominação entre os reinos africanos, era comum que cultos e divindades se difundissem de uma região para outra, como a adoção pelos Iorubas de alguns dos deuses do Daomé e vice-versa. O islamismo, proveniente da África Oriental, também já havia se estendido até a costa ocidental e o colonialismo europeu, a partir do século XVIII, intensificou o contato religioso entre brancos e negros. Pela ação da catequese religioso muitas tradições étnicas foram transformadas (Vagner, 2005, p.29).

No que concerne sobre a chegada do negro em terras brasileiras, professor Vítor Hugo Garais (2012) afirma que: não se sabe ao certo o período específico que marcou a entrada do negro em terras brasileiras, a tese mais aceita aponta que se deu por volta de 1538 quando Jorge Lopes Bixorda, arrendatário do pau-brasil, teria trazido para o Brasil os primeiros negros escravizados. Eles eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

Segundo registros disponibilizados pela biblioteca Nacional (2015) destaca que: Abolição da Escravatura foi o acontecimento histórico mais importante do Brasil após a Proclamação da Independência, em 1822. No dia 13 de maio de 1888, após seis dias de votações e debates no Congresso, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que decretava a libertação dos escravos no país. [...]

De acordo com Vitor Hugo Garais (2012) estima-se que desde os anos 1800 dois terços da população do país, cerca de três milhões de habitantes, era composta de negros e mulatos; auxiliando para que a cultura africana tivesse mais destaque no cenário religioso no país.

“Denomina-se cultura afro-brasileira o conjunto de manifestações culturais do Brasil que sofrerão algum grau de influência da cultura africana desde tempos do Brasil até a atualidade”

O termo umbanda, etimologicamente, deriva do termo Banto, Quibanda (raiz: Ymbanda), que em Angola designa o chefe supremo do culto. Contrário do que acontece na igreja católica que tem uma hierarquia centralizada no papa que estabelece princípios doutrinários válidos para suas igrejas em todo mundo. (Bastides, 1971, p. 441)

A umbanda é uma religião que tanto se processa mediante os aspectos mentais e abstratos quanto pelos aspectos naturais (da natureza) e concretos (atos mágicos). Logo, são aspectos indissociáveis da própria religião. (Saraceni, 2016, p. 73)

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades - inquices, orixás ou voduns -, seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e seus administradores. A palavra parece ter se originado de um termo da nação Bantu, candombe, traduzido como "dança, batuque". Esta palavra se referia às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos, nas senzalas, em seus momentos de folga, popularizando-se. Posteriormente, passou a denominar as liturgias que eles trouxeram de sua terra natal. Este nome se modificou e se secularizou na religião africana que floresceu no Brasil. Existem ainda outras interpretações etimológicas para a palavra. Para (Odé e Vera, 2009, p. 29)

Todas as religiões que adentraram em terras brasileiras acabaram sofrendo em algum grau modificações. Assim como ocorreu com o catolicismo que teve de alterar alguns atos litúrgicos e em suas catequeses, assim como o Kardecismo, vindo da Europa, o qual acabara adotando alguns dogmas e pensamentos da religião católica. (Odé; Vera, 2009, p. 30)

O uso ritualístico de plantas no combate às doenças e no restabelecimento da saúde, constitui prática comum nos cultos afro-brasileiros, revelando acentuado hábito cultural, com uma grande rede de influência social. Um acentuado número de plantas integra as situações especiais onde suas propriedades "mágicas" são invocadas em ritos propiciatórios. O elenco das espécies empregadas no contexto mágico-religioso é diversificado; contudo, há espécies

que apresentam grande utilização, gozando de muito prestígio pelas "virtudes" que lhes são atribuídas. (Ulysses Paulino de Albuquerque; Alda de Andrade Chiappeta, 1994)

Estudos realizados na África mostram como é transmitido o conhecimento sobre as ervas utilizadas nas fórmulas para tratamentos, como é descrito por Pierre Fatumbi Verger (1995, p. 19) “os Babalaôs, durante o preparo, acabam criando um vínculo entre o remédio e o signo (Ifã), sendo este último desenhado por ele no pó, iyèrosim. O processo ocorre através da ligação entre elos verbais envolvendo o nome da planta, nome da ação medicinal ou mágica por ela esperada e o odu, signo de Ifã no qual é classificada [...] A transmissão oral do conhecimento, na tradição Ioruba, é considerada como um veículo de axé. Durante o preparo da fórmula, ao estabelecer os elos verbais, acabam sendo importantes para os próprios babalaôs na memorização de conhecimentos transmitidos por tradições orais, mostrando um caráter mais coletivo no compartilhamento de informações e não individual. ”

Pierre complementa (1995, p. 20) “[...] O conhecimento é transmitido do babalaô ao omo awo, do mestre ao discípulo, através de sentenças curtas baseadas no ritmo da respiração. Sendo repetidas constantemente tornam-se estereótipos verbais que se transformam em definições aceitas com facilidades. ”

Se para a medicina ocidental o conhecimento do nome científico das plantas usadas e suas características farmacológicas é o principal, em sociedades tradicionais o conhecimento das encantações, ofò, transmitidas oralmente, é o que é essencial. Neles encontra-se a definição da ação esperada de cada uma das plantas que entram nas receitas. (Pierre, 1995, p. 23)

Pierre explica de forma mais detalhada, como que ocorreu os estudos referentes a farmacopeia Ioruba (1995, p. 21), “[...] recolhemos espécies e submetemos a várias entidades, tais como o departamento de botânica do IFAN em Dakar, o herbário do Departamento Florestal de Ibadan, o professor Portère do laboratório etnobotânico do Museu de História Natural de Paris e o professor H. M. Burkill do Royal Botanical Gardens de kew, Londres. [...] levantamos que os 3529 nomes iorubás correspondentes a 1086 nomes científicos. As razões desta discrepância se devem a diferença de critérios de classificação utilizados pelos iorubás e pelos botânicos ocidentais”

ESPÉCIES BOTÂNICAS:

Apesar de algumas espécies serem exóticas, trazidas por meio de ação antrópica para terras brasileiras, elas acabaram com o tempo sendo inseridas nos cultos afro-brasileiros. Nota-se também uma semelhança entre as espécies usadas nas sessões de cada templo religioso, mostrando o quanto se deu a inserção delas ao longo do território nacional.

Quadro 1: lista das espécies comparadas que são usadas nos terreiros das regiões do Rio Grande do Sul, Ilhéus e Itabuna-BH, Ituiutaba-MG e Niterói-RJ.

Nome científico	Nome popular	Uso ritualístico
<i>Rosmarinus salvia</i>	Alecrim	Banhos e chás
<i>Peumus boldus</i>	Boldo	Banho, energização e purificação
<i>Dracaena trifasciata</i>	Espada de são jorge	Ornamentação, descarrego e proteção
<i>Ocimum basilicum</i>	Manjerição	Banho, defumações e limpeza
<i>Musa sp.</i>	Bananeira	Usa-se as folhas como toalhas na obrigação
<i>Aloe vera</i>	Babosa	Banhos, descarrego e defumações
<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Oferenda
<i>Peperomia pellucida</i>	Oriri	Iniciação e obrigações
<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim limão	Chás
<i>Alpinia spiciosa ou zerumbet</i>	Colônia	Iniciação e obrigações

<i>Justicia gendarussa</i>	Abre caminhos	Descarrego e banhos
<i>Mentha viridis</i>	Elevante	Banhos e defumações
<i>Harpagophytum procumbens</i>	Garra do diabo	Banhos e defumações
<i>Rosa centifolia L.</i>	Rosa Branca	Oferenda e ornamentação
<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Banhos
<i>Plectranthus barbatus</i>	Tapete de Oxalá ou erva de Oxalá	Banhos e obrigações
<i>Dieffenbachia seguine</i>	Comigo- ninguém- pode	Ornamentação
<i>Justicia gendarussa</i> <i>Burm.</i>	Vence demanda	Banhos e defumações
<i>Piper jaborandii Vell.</i>	Desata nó	Banhos e descarrego

É comum que um só nome iorubá corresponda a vários nomes científicos, como exemplo: Ahón ekún, “língua-de-leopardo”, é o nome dado as folhas cuja superfície se mostram ásperas, apesar de sua forma ser diferente. De acordo com a classificação científica, elas são a *Hibiscus surattensis*, Malvaceae; *Hibiscus asper*, Malvaceae (o cânhamo-brasileiro); *Tetracera sp.*, Dilleniaceae; e a *Acanthus montanus*, Acanthaceae (o falso-cardo) [...]. Mais à frente é explicado que o inverso também ocorre, como no caso: a *Bridelia micranta*, Euphorbiaceae, corresponde em três nomes em iorubá: àsá, usada como proteção contra os inimigos; ira, cuja casca, em casos de gravidez que supostamente se prolongam de um a três anos (oyún òrúri) (Pierre, 1995, p. 29).

Os iorubás conhecem o significado das palavras que utilizam, entretanto, preferem explorar a forma como pode ser dado. Como afirma Ulli Beier:

“Os iorubás não apenas são conscientes do significado dos nomes, mas gostam também de interpretar cada palavra que usam. Eles acreditam que cada nome é, na verdade, uma

sentença que foi contraída de através de uma série de elisões a uma só palavra. Naturalmente na tentativa de reconstruir a frase original, podem chegar a vários significados.”

Percebe-se que certas espécies de plantas nos cultos afro-brasileiros - umbanda e candomblé, se dá com a utilização de estruturas específicas: raiz, caule, folha, flor, fruto e semente, cada um com vibrações mentais e irradiações que atuam em benefício daqueles que necessitam de algum tipo de ajuda. [...]A entidade das folhas medicinais e liturgias dentro do candomblé e da umbanda é Ossãe (Ossaim). A esta entidade deve dirigir-se todo aquele que quer iniciar-se em uma das religiões afro-brasileiras. (Heloisa Helena Sucupira Gomes; Ivan Coelho Dantas; Maria Helena Chaves de Vasconcelos Catão, 2008).

Pesquisas realizadas em diferentes estados brasileiros mostraram semelhanças no que se refere ao uso da flora nos cultos afro-brasileiros. Estes acabam usando-as de três formas: ritualístico, para poder concretizar algum desejo ou necessidade; alimentício, como oferenda ao orixá que é representado pela planta; e terapêutico, quando contribui na revitalização do consulente.

O levantamento de plantas exóticas e ritualísticas ao longo do Vale do Córrego dos Colibris, Niterói-RJ, resultou na presença de 26 espécies, pertencentes a 17 famílias e 23 gêneros. O hábito mais representativo foi erva (9 spp.), seguido de arbusto e árvore (7 spp. cada), hemiepífita (2 spp.) e trepadeira (1 spp.). A forma de utilização predominante é a ornamental (64%), seguidas daquelas com uso ritualístico (44%) e na alimentação (32%). Há uma predominância de espécies nativas do Brasil (42%), seguidas daquelas provenientes da Ásia (21%), América Central (17%), África (12%), Oceania (4%) e América do Norte (4%). Dentre as dez espécies com maior índice de valor de importância (IVI) destacam-se *Guarea guidonia* (L.) Sleumer (ritualística), *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl. (ornamental), *Artocarpus heterophyllus* Lam. (alimentícia, ritualística), *Tradescantia zebrina* Bosse (ornamental), *Musa X paradisiaca* L. (alimentícia), *Heliconia episcopalis* Vell. (ornamental), *Mangifera indica* L. (alimentícia, ritualística), *Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott (ritualística), *Heliconia spathocircinata* Aristeg. (ornamental) e *Syngonium podophyllum* Schott. (ornamental) (Joyce de Melo Silva et al 2017, p. 83).

No ritual do batuque no Rio Grande do Sul as ervas são usadas mais para banhos do que para cura das doenças. Também neste ritual é notável o uso de ervas na culinária como tempero e até mesmo para decorar certos pratos. Alguns tipos de ervas curativas: alecrim. *Rosmarinus*

officinalis; alfazema. *Lavandula officinalis*/ *Lavandula Vera*; arruda. *Ruta graveolens*; babosa. *Aloe sacotrina*; capim limão (erva cidreira). *Andropogon schenanthus*; erva de Oxalá. (*Pandanus baptisti-angiospermae*, família *pandanácea*); espada de São Jorge ou de Iansã. (*Sansevieria trifasciata*); funcho (erva-doce). (*Foeniculum vulgare* Mill); Gerânio. (*Geranium*); Incenso. (*planta-vela*, *plectranto*; *Plectranthos coleoides-angiospermae*; família *labiatae lamiaceae*); Manjeriço (Alfavaca). (*Ocimum basilicum*); Maranta-variegada (*ctenanthe oppenheimiana-angiospermae*; família *Marantaceae*); Manjerona (*Origanum majorana*) (Marizelda Otaran Mota, 2003, p. 6-10).

Nos municípios de Ilhéus e Itabuna-BH, foram identificadas 78 espécies vegetais distribuídas em 43 famílias, sendo as mais representativas *Asteraceae* (nove espécies), *Lamiaceae* (sete espécies), *Fabaceae* e *Myrtaceae* (quatro espécies cada) [...]. Foram identificados 74 gêneros, sendo que 70 destes (cerca de 94,6%) são representados por uma única espécie; e apenas quatro desses gêneros, *Baccharis* (*Asteraceae*), *Ocimum* (*Lamiaceae*), *Eugenia* (*Myrtaceae*) e *Solanum* (*Solanaceae*) incluem duas espécies (Marcel Viana Pires et al., 2008, p. 4, 6, 7).

A família de maior riqueza florística foi, *Asteraceae* (11,54%), onde foram citadas espécies de uso medicinal (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. *Ageratum conyzoides* L., *Baccharis trimera* (Less.) DC. *Bidens pilosa* L., *Coreopsis grandiflora* L. e *Matricaria recutita* L.), litúrgico (*Calendula officinalis* L.), medicinal/litúrgico (*Baccharis dracunculifolia* DC.) e litúrgico/ornamental (*Helianthus annuus* L.). Esta é uma das famílias mais comumente citadas em estudos e levantamentos etnobotânico por apresentar um grande número de plantas de uso medicinal, popularmente difundidas, de fácil cultivo e encontradas em áreas ruderais de fácil acesso (Azevedo & Silva 2006, Maioli-Azevedo & Fonseca-Kruel 2007).

A família *Lamiaceae* apresentou a segunda maior riqueza florística, deste levantamento (8,97%), com quatro espécies citadas com fins medicinais (*Mentha pulegium* L., *Ocimum gratissimum* L., *Origanum vulgare* L. e *Plectranthus barbatus* Andr.), uma espécie litúrgica (*Leonotis nepetaefolia* (L.) R. Br.) e duas espécies indicadas tanto para fins medicinais quanto utilizadas como litúrgicas (*Ocimum americanum* L. e *Rosmarinus officinalis* L.) (Marcel et al., 2008, p. 6).

Um estudo feito em Ituiutaba, localizado no oeste do Estado de Minas Gerais, foram catalogadas 53 espécies vegetais distribuídas em 30 famílias. Para cada espécie citada foram registrados a indicação de uso, nome científico, família botânica, nome religioso, nome popular e uso religioso. Foram entrevistados 20 participantes que frequentam os ritos e realizados

vários diálogos com o babalorixá, sendo possível estabelecer expressiva representatividade das espécies, cerca de 95%, que são utilizadas nos rituais de Umbanda e Candomblé presentes no terreiro Axé Olorigin. A família botânica com maior citação de espécies foi *Asparagaceae*, com cinco espécies citadas. (Kenneri, Juliana e Anderson, 2019, p. 4)

Em relação a frequências, número de vezes que uma planta foi citada, foi possível observar que das 53 espécies citadas, apenas 12 delas foram citadas mais de uma vez, a saber: barbatimão e hortelã, citadas duas vezes; comigo-ninguém-pode e espada-de-são-jorge, três vezes; acoco, capim-cidreira e peregum, quatro vezes; guiné, cinco vezes; arnica, seis vezes; manjeriço, oito vezes; e arruda e boldo com maior número de citações, treze vezes. As demais espécies apresentaram apenas uma única citação. Tanto a arruda quanto o boldo são utilizados na forma de banhos como descarrego. (Kenneri; Juliana; Anderson, 2019, p. 5-6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em decorrência de situações excepcionais, as pesquisas de campo planejadas para os terreiros no município do Rio de Janeiro-RJ, não puderam ser realizadas. Com a releitura das bibliografias e a utilização de levantamentos realizados em outros estados, o presente trabalho conseguiu concretizar parte dos objetivos propostos, comparando as espécies botânicas usadas nos cultos afro-brasileiros _umbanda e candomblé_ contribuindo para o enriquecimento do acervo científico e cultural para os estudos referentes ao campo da etnobotânica; abordando as relações entre os grupos sociais e a flora utilizada por cada um, explorando mais a ligação histórica que esses dois grupos desenvolveram ao longo de vários períodos.

8. REFERÊNCIAS:

Hugo Garais, Vitor. **A história da escravidão negra no Brasil**. 2012. Disponível em:<
<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/> > Acesso em: 13/07/2012

Bastide, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. Segundo volume. São Paulo: livraria pioneira editora, 1971

Pereira, Amilcar Araujo. **Cultura afro-brasileira**. 2014. Disponível em :<
https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php> Acesso em: dez.2014

Silva, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda Caminhos para devoção**. 3. ed. São Paulo: Selo Negro edições, 2005

Lipton, Bruce H. **A Biologia Da Crença**. São Paulo: BUTTERFLAY editora, 2007

Kileuy, Ode. Oxaguiã, Vera. **O candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2009.

Saraceni, R. **Tratado Geral de Umbanda as chaves interpretativas teológicas**. 4.ed. São Paulo: Madras, 2016.

Verger Fatumbi, P. **Ewé o uso das plantas na sociedade Iorubá**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

Gomes Sucupira, Heloisa Helena; Dantas Coelho, Ivan; Catão Vasconcelos Chaves de, Maria Helena. **Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona**

lesta de cidade de Campina Grande-PB. 2008. 20f. trabalho de conclusão de curso-cursos de biologia e farmácia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade estadual da Paraíba, Paraíba, 2008.

Albuquerque, Ulysses Paulino de; Chiappeta Andrade, Alda de. **O uso de plantas e a concepção de doença e cura no cultos afro-brasileiros.** 1994. 14f. trabalho de conclusão de curso- curso de ciências biológicas, universidade Federal de Pernambuco-Pernambuco, 1994.

Silva Colli, Matheus; Silva Gonçalves da, Vagner. **Um bosque de folhas sagradas: o santuário nacional da umbanda e o culto da natureza.** 2019.23f. Dissertação de mestrado-instituto de biociências, Universidade de São Paulo- São Paulo, 2019.

Pajelança e cultos afro-brasileiros em terreiros Maranhenses. Maranhão: dossiê, jul.2011

Mota Otaran, Marizelda. **As ervas curativas da cultura afro-riograndense transpostas para o desenho têxtil.** 2003.76f. Monografia de especialização-curso de pós-graduação em design de estamparia, Universidade Federal de Santa Maria- Rio Grande do Sul, 2003.

Silva, Cilma Laurinda Freitas e. O uso terapêutico e religioso das ervas. **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n.1, p.79-92, jan. /jun. 2014

Alves, Kenneri Cezarini Hernandes; Povh, Juliana Aparecida; Portuguez, Anderson Pereira. Etino-botânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. **ETHNOSCIENTIA**, Minas Gerais, v. 4, 1239, p. 2-10, junho, 2019

Silva, Joyce de Melo et al. Território Sagrado e invasão Biológica na Mata Atlântica: estudo de caso no Vale do Córrego dos Colibris, Niterói, RJ. In: Simpósio de pesquisa em Mata Atlântica,

4, 2017, Niterói. **IV Simpósio de Pesquisa em Mata Atlântica Engenheiro Paulo de Frontin-RJ**. Rio de Janeiro: IZMA, 2017. p. 82-84.

Azevedo, S.K.S. & Silva, I.M. 2006. **Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil**. Acta Bot. Bras. 20(1): 185-194.

PIRES, M. V. et al. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p.1-8, 2009.

Oliveira, Flávia Camargo de, et al. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil**. Acta Botânica Brasílica, São Paulo, v. 23, nº 2, p. 591-605, mai. 2008. /mar.2009.

Fonseca-Kruel, V.S.; Silva, I.M. & Pinheiro, C.U.B. 2005. O ensino acadêmico da Etnobotânica no Brasil. **Rodriguésia** **56**: 97-106.

Fonseca-Kruel, V.S. & Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **18**: 177-190.

Hamilton, A.C.; Shengji, P.; Kessy, J.; Khan, A.A.; Lagos-Witte, S. & Shinwari, Z.K. 2003. **The purposes and teaching of Applied Ethnobotany**. Godalming, People and Plants working paper. 11. WWF.

13 de maio de 1888- Dia da Abolição da Escravatura. Disponível em: <
<https://www.bn.gov.br/es/node/509>> Acesso em 06/07/2020